

AQUILO QUE SE ESPALHA, ADOECE E MATA: CONSIDERAÇÕES SOBRE A MORTE E O MORRER NO CONTO “METÁSTASE”, DE RODRIGO LACERDA

Douglas Santana Ariston Sacramento¹

RESUMO: Rodrigo Lacerda é um escritor contemporâneo e premiado dentro da cena literária brasileira. Em seu último livro de contos, *Reserva natural* (2018), consta um conto sobre a morte. “Metástase” é um conto, com mesclas de ensaio, sobre um homem com um tumor maligno no cérebro – um glioblastoma – e que a partir desse fato começa a olhar a vida com outros olhos, fazendo uma digressão aos seres microscópicos, que mesmo perdendo acabam produzindo e multiplicando, até chegar na situação dos sujeitos e sua relação com a morte, sentida na forma do assombro, e que para o narrador se faz uma construção necessária. Então, este artigo tem o intuito de analisar como se dá essa relação de um homem enfermo diante da morte e da certeza de que vai morrer, como isso coloca em pauta questões envolvendo a animalidade, a relação com a dor de estar prestes a morrer e com as categorias de mecanismos de defesas que circundam todo o conto.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura Contemporânea; Morte; Morrer; Rodrigo Lacerda.

ABSTRACT: Rodrigo Lacerda is a contemporary and award-winning writer from the Brazilian literary scene. In his latest short story book, *Reserva natural* (2018), there is a short story about death. “Metastasis” is a short story, with mixes of essays, about a man with a malignant brain tumor – a glioblastoma – and who, from that fact, begins to look at life with different visions, making a digression to microscopic beings, that even losing end up producing, until they reach the situation of humanity that deals with death in the form of amazement, but that for the narrator it is necessary. So, this article aims to analyze how this relationship between a sick man in the face of death and the certainty that he is going to die, how this puts questions into the issue involving animality, the relationship with the pain of being about to die and with the categories of defense mechanisms that surround the entire tale.

KEYWORDS: Contemporary Literature; Death; Die; Rodrigo Lacerda.

Introdução

O contemporâneo está contido numa rede de grandes produções, temáticas e formas estéticas, características essas que o marcam como uma categoria intempestiva (AGAMBEN, 2009). Deste modo, assim como o filósofo italiano categorizou e caracterizou a ideia de contemporaneidade, aqui também se faz necessário introduzir sobre essa questão.

Ao dialogar sobre essa temática, Agamben (2009) traz uma releitura sobre a intempestividade – aspecto presente na teoria do filósofo alemão Nietzsche –, que seria uma espécie de temporalidade que estaria em um eterno retorno, e que sofre diferenciação por

¹ Graduado em Licenciatura e Bacharelado em Língua Estrangeira Moderna - Inglês pela Universidade Federal da Bahia (UFBA). Graduando em Filosofia pela UNEB, também estou Mestrando em Literatura e Cultura, pelo Programa de Pós-graduação em Literatura e Cultura pela Universidade Federal da Bahia (PPGLitCult/UFBA). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4726979883055959>. E-mail: douglas.ariston.18@gmail.com.

causa dos sujeitos e questões sociais que mudam. Portanto, todo o conteúdo histórico estaria em um processo de rompimento do que outrora fora, mas em diferença, como explana o Agamben: em “dissociação e um anacronismo” (AGAMBEN, 2009, p. 59)

A contemporaneidade, portanto, é uma singular relação com o próprio tempo, que adere a este e, ao mesmo tempo, dele toma distâncias; mais precisamente, essa é a relação com o tempo que a este adere através de uma dissociação e um anacronismo. Aqueles que coincidem muito plenamente com a época, que em todos os aspectos a esta aderem perfeitamente, não são contemporâneos porque, exatamente por isso, não conseguem vê-la, não podem manter fixo o olhar sobre ela. (AGAMBEN, 2009, p. 59)

Logo em seguida, o filósofo italiano retrata como se constitui a imagem do sujeito contemporâneo, com base no poema de Osip Mandel'stam, o qual retrata um sujeito que possui as colunas quebradas - uma fissura. Deste modo, o contemporâneo seria essa indagação sobre o passado – pois, por causa da fissura olha constantemente para trás -, mas com um olhar crítico, com o olhar do seu tempo – com seu corpo voltado para o agora.

E isso é exemplificado pela imagem alegórica da escuridão, pois o sujeito da contemporaneidade enxerga as pequenas luzes dentro das trevas (AGAMBEN, 2009), ato que seria exercido como uma funcionalidade das produções artísticas dentre desse período.

Pode dizer-se contemporâneo apenas que não se deixa cegar pelas luzes do século e consegue entrever nessas a parte das sombras, a sua íntima obscuridade. [...] o contemporâneo é aquele que *percebe o escuro do seu tempo* como algo que lhe concerne e não cessa de interpretá-lo, algo que, mais do que toda luz, dirige-se direta e singularmente a ele. Contemporâneo é aquele que recebe em pleno rosto o facho de trevas que provém do seu tempo. (AGAMBEN, 2009, p. 63-64, grifo meu)

Com base nessa discussão sobre a temática do contemporâneo, é possível traçar um paralelo com o escritor carioca Rodrigo Lacerda – um sujeito contemporâneo –, que nasceu em 1969 e possui uma vasta produção literária. Lacerda ganhou alguns prêmios de prestígio no cenário literário nacional, como o Prêmio Jabuti, pelos livros *O fazedor de Velhos* e *O mistério do Leão Rampante*. Para além da categoria romance, Rodrigo Lacerda também escreve contos, ao exemplo do livro utilizado como objeto deste trabalho, *Reserva Natural* (2018), o qual foi finalista do Prêmio Jabuti, no ano de 2019, e que se apresenta como um compilado de 10 contos, divididos em dois blocos, o primeiro intitulado “Território” e o segundo “Fauna”.

As temáticas dos contos se entrelaçam numa relação entre a cidade e o campo, sobre o mundo animal e o mundo concorrido e dinâmico da cidade. Com contos que estão além de uma estrutura tradicional sobre o gênero², pois aqui existem imagens, mudanças de fontes e contos que não têm a linearidade de início, meio e fim. Ou seja, existe um olhar que não está pautado na modernidade e em suas ideias de ruptura do tradicionalismo, mas sim por meio do olhar desse sujeito com a coluna fraturada. Este é um ser que analisa as duas instâncias através de seu *ethos* e *pathos* de sujeito em constante rasura, de mudança de conceitos provenientes do passado, e que retornam. Assim Rodrigo Lacerda apresenta temas como a relação da urbe e o campo, ou sujeito da cidade *versus* sujeito do interior dos estados, ou a animalidade e o ser humano são constantemente levantadas em discussões.

O objeto desse artigo se categoriza nessa experimentação literária, algo que é comum dentro da contemporaneidade, na qual o dito tradicional é colocado em rasura e questionado por esses sujeitos. Isso, atrelado ao que Florência Garramuño (2014) denomina de literatura expandida, analisando as produções contemporâneas da América Latina, das quais a teórica observou que os gêneros estão em constante diálogo uns com os outros. E, para além disso, também notou que as artes – em seus variados gêneros – se encontram e podem estar contidas no fazer literário.

[...] Nesse campo expansivo também está a ideia de uma literatura que se figura como parte do mundo e imiscuída nele, e não como esfera independente e autônoma. É sobretudo esta questão, embora difícil de conceitualizar, o sinal mais evidente de um campo expansivo, porque demonstra uma literatura que parece propor para si funções extrínsecas ao próprio campo disciplinar. (GARRAMUÑO, 2014, p. 36)

Como a teórica latino-americana explana, existe uma inserção de fractais (GARRAMUÑO, 2014, p. 39) artísticos dentro do fazer literário. Ou seja, diversos modos de produções artísticas se encontram dentro de um conto, romance ou poema – notícias de jornais e fotos, por exemplo –, tornando um objeto difícil de categorizar ou “inespecífico” (GARRAMUÑO, 2014):

[...] o fato é que essa aposta do inespecífico se aninha também no interior do que poderíamos considerar uma mesma linguagem, desnudando-a em sua radicalidade mais extrema. [...] Essa aposta no inespecífico seria um modo de elaborar uma linguagem do comum que propiciasse modos diversos de

² O termo “estrutura tradicional”, aqui neste artigo, faz referência a ideia de conto como forma literária que narra um estado, com personagens, e que não necessariamente estaria inserido dentro de uma trama, sendo assim, soltos (GOTLIB, 2006).

não pertencimento. Não pertencimento à especificidade de uma arte em particular, mas também, e sobretudo, não pertencimento a uma ideia de arte como específica. (GARRAMUÑO, 2014, p. 15-16)

E essa inserção também se faz na mistura dos gêneros literários, a exemplo do conto que será aqui analisado. O conto “Metástase” compreende a última parte do livro, e também, finaliza o livro *Reserva Natural*. Nele há a mistura de conto e ensaio, pois o mesmo é uma combinação de informações teóricas sobre seres microscópicos e, por outro lado, é o relato ensaístico de um indivíduo que começa a ter um olhar mais sensibilizado para esses seres, por conta de um câncer que o acomete e está no estado de metástase – o último nível da doença dentro da patologia cancerígena, no qual as células contaminadas se espalham para outros órgãos, além daquele primeiro órgão que foi acometido pela doença. Ou seja, este é um narrador que está diante da morte e próximo de morrer.

Além disso, há o uso do fragmento como um componente estético. O conto é fragmentado, e, para dividir cada seção, há uma citação, que ora é recorte de um diálogo sobre o tema tratado anteriormente, ora uma citação direta de algum cientista. Isso que remete ao estado de confusão do narrador, é representado pelo que o narrador está passando nesse período.

Logo, a divisão se estabelece na análise do micro para o macro desses seres que não são visíveis a olho nu. O conto começa retratando uma bactéria marinha, o pulo do gafanhoto que foi analisado por um microscópio de última geração, uma colônia de ácaros em um travesseiro, a *Escherichia coli* presente no intestino humano, a toxoplasmose, lacraias marinhas e bactérias. Depois que essa última temática é discorrida, há uma mudança no teor do conto: o câncer aparece. A metástase se faz presente e a relação com a morte (e o morrer) começa a se degingolar na instância individual e social.

Dos pequenos para os grandes fatos científicos da qual a morte está plasmada as indagações e sentimentos do narrador desse conto, o artigo tem como objetivo analisar no conto “Metástase” como se dá a relação desse indivíduo diante da morte – com sua aceitação e as etapas do estado de conformidade com a situação encontrada –, e, logo em seguida, analisar como questões sobre a sociedade e a sua relação com o temática fúnebre se apresentam nesta produção literária através dos questionamentos do enfermo-narrador.

1 Aqui tudo parece que era destruição e já é ruína³

Todo indivíduo passa por algum tipo de perda, por situações em que se está diante da morte de algum outro sujeito, ou, em alguns casos, se está na posição de morrer. Essa relação ocorre constantemente, afinal, todos os sujeitos morrem em algum momento, uns mais rápidos do que outros, ou com mais dor do que outros. A morte é uma temática inevitável de discussão e de compreensão para os sujeitos.

Ao estar defronte dessa temática, a literatura se faz presente com seus inúmeros exemplos de casos que resultam no fim de alguma personagem, de um grupo de pessoas, de uma comunidade ou até mesmo da humanidade. E para esse artigo é utilizado um conto que retrata um sujeito que está lidando com essa situação, a da morte iminente, pois o tumor maligno no cérebro se espalhou e vai acabar matando o narrador do conto.

E aí o tumor completou o enraizamento dessa nova consciência da vida. [...] Descobri a que família pertencem minhas células cancerosas, entendi como se comportam, pude vê-las em telão na telinha do oncologista – num reality show de vida ou morte, disputando no plano minúsculo dentro de mim. (LACERDA, 2018, p. 175-176)

E é com base nesse fato, que está no meio do conto, que entendemos toda a sua elucubração em relação aos seres microscópicos. Pois, no início da narrativa, há uma guinada para o que é pequeno, e em seguida isso sofre uma degradação. **Mas, por que isso ocorre?** A resposta se encontra na situação do narrador e na sua condição de moribundo.

Para que haja um desenvolvimento desse nosso questionamento, é preciso entender que o sujeito, no decorrer da história, sempre teve relações que mudaram ou retornaram ao se falar da morte. Edgar Morin (1970), no livro *O homem e a morte*, retrata em um de seus capítulos a relação do homem em contraponto a do animal diante do fato de que vai morrer. Para o segundo grupo, com a aquisição do instinto animaisco, o animal ganha uma aquisição individual, mas que não o desliga da natureza e nem de uma hierarquia dentro de sua espécie. Mas, essa relação que, a princípio, pode ser lida como emancipadora, causa no animal uma cegueira, e que só se dilui quando a sua espécie é abalada com uma perda:

[...] Portanto, apenas há, se não ainda consciência, pelo menos sentimento e traumatismo, provocados pela morte-perda-da-individualidade, quando a lei da espécie é perturbada pela afirmação de uma individualidade. Esses casos

³ Título retirado da música *Fora da ordem*, do cantor Caetano Veloso (1991).

excepcionais trazem-nos a prova *a contrário* que a morte só surge quando há promoção da individualize em relação a espécie. (MORIN, 1970, p. 57, grifo do autor)

A relação do animal e a morte é observada em alguns exemplos que o narrador traz na composição ensaística presente no conto, ao exemplo de como uma determinada perda no reino animal pode ocasionar em uma nova transformação para um outro todo. Uma perda dentro da animalidade microscópica resulta numa outra forma de energia e produção, como a bactéria *Escherichia coli*:

[...] É uma das bactérias mais antigas e disseminadas do planeta. Trata-se de um ser vivo capaz de produzir todos os elementos de que precisa para viver. Ela é causadora de algumas doenças no homem, mas também fermentadora de açúcares e fundamental na nossa digestão. (LACERDA, 2018, p. 172)

Logo, essa relação da animalidade diante de um todo é contraposta com a relação dos humanos diante da morte, pois o humano sabe que a qualquer momento pode morrer, mas ele acaba caindo no campo do traumático para quem vive a morte do outro e até para quem está passando pelo período de enfermidade. Deste modo, observa-se uma relação de experiência (MORIN, 1970).

Assim, o sentimento de surpresa, e até mesmo assombro, faz com que o sujeito acabe sempre recalçando esse acontecimento, e ele apenas desrecalca quando vive a experiência diante do outro, ou do fato de que está prestes a morrer. E o fato de que os sujeitos desaguam a temática da morte para o campo do esquecimento, os aproxima dos animais e a necessidade do outro da sua espécie morrer para se sentir a sua individualidade abalada (MORIN, 1970).

Portanto, sendo naturalmente cego à morte, o homem é incessantemente forçado a reaprendê-la. O traumatismo da morte é precisamente a irrupção da morte real, da consciência da morte no seio da cegueira. E não se deve confundir essa cegueira com a afirmação da imortalidade, a qual implica sempre consciência da morte. (MORIN, 1970, p. 59)

No caso do conto “Metástase”, o narrador adquire um outro olhar para a morte, o assombro ou a surpresa. Tudo ganha outros tons, pois ao se debruçar sobre esses seres pequenos, o narrador compreende que a jornada de um ser tão pequeno é uma luta constante contra a morte, e que a contrapondo acaba se multiplicando.

[...] Todas essas formas de vida executam suas funções biológicas sem prazer ou dor, sem juízo crítico, em plena conformidade com sua programação natural. O que passei a admirar nessas criaturas é seu

despojamento de todos os penduricalhos a que chamamos de consciência, ou cultura. (LACERDA, 2018, p. 175)

Essa relação animalésca de morte e reprodução está no cerne das divagações do narrador a partir da guinada do ponto de vista narrativo, pois acaba levando o foco da discussão para si e para o coletivo, e, assim, a questão é colocada em pauta no resto do conto.

Esses casamentos conteudistas se amalgamam com as teorias sobre morte do filósofo francês George Bataille (2017). Em seu livro intitulado *O erotismo*, o autor faz um estudo sobre a morte e animalidade, e morte com erotismo. Para o pensador francês, a morte está vinculada aos restos culturais e históricos deixados pelos sujeitos pré-históricos – pois tinham sua animalidade mais exacerbada, por causa da violência –, e esses restos que abarcam o trato feito com o corpo morto e os ritos fúnebres acendem na sociedade a temática mortuária. Então, a imagem do resto mortal se faz de extrema importância para lembrar ao sujeito que ele irá morrer.

[...] Hoje, essa diferença [entre o cadáver do homem e outros objetos pré-históricos] caracteriza ainda um ser humano em relação ao animal: o que chamamos morte é um primeiro lugar a consciência que temos dela. Percebemos a passagem do estado vivo ao cadáver, ou seja, ao objeto angustiante que é para o homem o cadáver de outro homem. (BATAILLE, 2017, p. 68)

Assim, Bataille (2017) vai categorizar o que ele denomina de interdito, e que está vinculado nesse afastamento ao praticar a morte do outro, pois o cadáver é esse signo que lembra – com teor de horror – que é prazeroso viver. No conto de Rodrigo Lacerda não existe o cadáver, mas existe uma doença sem cura. E é isso que o faz questionar a vida que ele seguia antes de saber da doença, assim como a relação que a vida microscópica tem com ela. Sujeito dentro de uma malha social que recalca a questão da morte.

A horizontalização da vida tornou-se minha nova **filosofia bioexistencial**. A vida microscópica não apenas está dentro do nosso corpo, mas ela dá forma àquilo que chamamos de corpo. Não somos uma criatura vivendo num determinado meio, nós somos o meio. Nós é que não temos rosto. Nós, animais de grande porte, somos colônias ambulantes. (LACERDA, 2018, p. 176, grifo nosso)

Logo, a “filosofia bioexistencial” se faz presente dentro da discussão ao lidar com a morte. Pois, é inserido nesse meio animal, que está ao lado de uma pulsão de morte constante, se faz necessário para ele se identificar como parte desse mundo. Sujeito e animal.

[...] Aparentemente sólidos e visíveis, formas vitoriosas de vida, no fundo não somos nada além de equilíbrios instáveis entre sistemas bióticos minúsculos, reles somatórios desavisados de microcomponentes. É um estranho sentido de pertencimento; estranhamento prazeroso e consolador. (LACERDA, 2018, p. 176)

E é assim, nesse processo de se integrar ao mundo dos animais e como pertencente a essa particularidade da vida, que se observa que há também um processo de luto nesse meio. Relacionado a morte iminente para esse narrador pode acarretar. Seria uma nova forma de enfrentar a dor dentro da situação de estar no estágio terminal.

Entender esse processo de dor é necessário para compreender os questionamentos que afetam a sociedade, para além da corporeidade dele – mas, também, a do outro. A dor que ronda as pessoas que sofrem é explicada por teóricos dos estudos com pacientes terminais em hospitais e de inúmeras doenças. Contudo, o processo de entender essa dor, para Philippe Ariès (2017), é secular e muda constantemente com a inserção de novas teorias sobre o rito fúnebre. Para o historiador da morte, essas mudanças ocorrem em paralelo a sensação de luto:

[...] Se fosse possível traçar uma curva do luto, teríamos uma primeira fase aguda, de espontaneidade aberta e violenta, até o século XIX aproximadamente; depois uma fase longa de ritualização até o século XVIII e ainda, no século XIX, um período de exaltado “dolorismo”, de manifestação dramática e mitologia fúnebre. É possível que o paroxismo do luto no século XIX esteja relacionado com sua proibição no século XX, assim com a morte suja do pós-guerra. De Remarque a Sartre e a Genet, aparecia como o negativo da morte nobre no Romantismo. (ARIÈS, 2017, p. 230)

Posteriormente, Ariès (2017) esboça um panorama sobre uma proibição do luto – contida na modernidade e no século XX –, e como isso resulta num retorno para o indivíduo e para o fechado. Essa caracterização fica explícita com o advento dos hospitais, local onde se morre num lugar fechado e totalmente diferente da residência do sujeito – algo comum nos séculos XVIII e XIX –, que não diz mais que sofre, ou sente dor.

Hoje, a necessidade milenar do luto, mais ou menos espontâneo ou imposto segunda as épocas, sucedeu, em meado do século XX, sua interdição. [...] o que era comandado pela consciência individual ou pela vontade geral é, a partir de então proibido; o que era proibido é hoje recomendado. Não convém mais anunciar seu próprio sofrimento e sem mesmo demonstrar o estar sentindo. (ARIÈS, 2017, p. 230-231)

No conto, o narrador nomeia o tipo de tumor que o acomete: glioblastoma⁴, e o trata como liberdade, pois quebra o silenciamento que estaria inserido nas características do sujeito moderno, uma repressão com a própria dor:

O glioblastoma foi o último carimbo no meu passaporte para a liberdade. Fiquei amigo da Morte. A máquina mais perfeita da natureza, que já tem vida própria, ainda é capaz de se reinventar. Afastada a chance de uma cirurgia, devido à localização do tumor, eu me divirto acompanhando o fracasso dos genes matadores de células aberrantes, e a atividade febril dos que restauram as células tumorais danificadas pelos remédios. (LACERDA, 2018, p. 177)

Nas mesmas linhas de ruptura que essa caracterização de uma pessoa doente, em estado terminal, em “Metástase” o moribundo não está apenas convalescendo e apático de tudo que está em volta. Ou seja, há uma mudança na ideia oriunda do século XIX, na qual o doente não poderia nem sair do quarto, e que seu corpo estaria no lugar do assombro, do grotesco e do perturbador (ARIÈS, 2017). No conto de Rodrigo Lacerda, esse sujeito é pensante, cheio de vontades e de questionamento sobre o que o dilacera por dentro.

Essa mudança faz parte do bojo constitutivo no qual o autor do conto está inserido. Como dito anteriormente, Rodrigo Lacerda está inserido nessa contemporaneidade intempestiva. Logo, esses conceitos antigos estão em constante mudança, mesmo sendo visíveis os resquícios de um passado.

Mesmo quando eu durmo, desligada a base da organização racional, tempestades neurais explodem na minha cabeça, com esguichos e raios de alta voltagem. [...] Nesse processo que não controlo, é a biologia a verdadeira autora dos enredos, da reprodução dos planos e inquietações que tenho quando acordado. Ela comanda os processos metafóricos e a percepção do espaço onírico por meio de imagens simbólicas. (LACERDA, 2018, p. 177)

A percepção de estar dentro de um todo rompe com a ideia de que o doente não tem “status social – pois não tem valor social” (ARIÈS, 2017, p.273). Assim, o narrador está inserido dentro dessa biologia e como uma parte importante para que determinadas mudanças ocorram dentro do seu organismo, pois seu corpo é um receptáculo de transformação para outros organismos, logo, a doença que o acomete é resultado dessas organizações microscópicas.

⁴ É um dos tipos de tumor cerebral, só que de alto grau (IV) e sendo muito agressivo. Entre seus sintomas estão dores de cabeça, vômito e convulsões.

[...] Ganhei intimidade com elas [microrganismos] a ponto de apreciar seu mecanismo de multiplicação – tão rápido no meu caso quanto o das células fetais, detalhe que não deixa de ter certa beleza poética. Enquanto atravessam membranas e tecidos, circulam, escorregam, rodopiam, surfam em sangue, reproduzindo e prosperando, numa potência disfuncional, as biopartículas sem cérebro, unidas, esculacham a medicina mais avançada, e também minha percepção mental. (LACERDA, 2018, p. 176)

Sendo assim, há uma inserção desse sujeito dentro de um todo biológico. A questão da morte acaba saindo do campo individual e vai para o ambiente mais macro, pois o doente está imerso nessa relação orgânica. E, nisso, diverge de toda uma culpa que a sociedade acaba colocando, por meio de discursos e da historiografia, nesse sujeito.

A estudiosa sobre morte e luto em pacientes terminais, Elisabeth Kubler-Ross (2017), aponta no seu livro basilar sobre a temática, intitulado *Sobre a morte e o morrer*, que essa sensação de desespero e abandono divino, dos sujeitos que estão diante da morte, é perpassada por todo um discurso histórico – com suas narrativas, objetos e ritos – e que permanece até os dias de hoje⁵.

Pode ser que o conhecimento disto [medo, angústia] seja de valia na compreensão de muitos dos velhos costumes e rituais que sobreviveram aos séculos, cujo objetivo é aplacar a ira dos deuses ou das pessoas, conforme o caso, diminuindo assim o castigo previsto. Penso nas cinzas, nas vestes rasgadas, no véu, nas carpideiras dos velhos tempos, meios não só de implorar piedade para eles, os chorosos, como também expressões de pesar, tristeza e vergonha. (KÜBLER-ROSS, 2017, p. 8)

Os discursos sobre a temática estão presentes no conto “Metástase”, o qual apresenta também uma relação religiosa – com as promessas de salvamento da morte pela vinda do Messias e o pós juízo final –, na qual a morte está atrelada ao fim do mundo e aos escolhidos pelo filho de Deus para a vida eterna. Contudo, se constrói uma crítica, afinal, a humanidade com seus atos catastróficos, como as bombas nucleares e as mudanças climáticas - colocam esse discurso religioso mais em descrédito para o narrador do conto. Mas, sempre ressaltando que a morte faz parte do cotidiano da humanidade, tanto na esfera global quanto nas dimensões particulares.

Desde sempre, desde as cosmologias mais remotas, o fim do mundo fazia parte dos planos. Depois veio a Bíblia, com o Juízo Final, Nostradamus e uma centenas de profetas das mais variadas filiações, todos predizendo o

⁵ Vale ressaltar que a escritora Kluber-Ross (2017) publica esse livro com base nos resultados da pesquisa, e que resultou em um seminário sobre a morte e o morrer, com pacientes terminais na década 1960. E mesmo assim, se permanece notória as discussões levantadas.

apocalipse. Como não aconteceu, a hipótese caiu em relativo descrédito. [...] Em contrapartida, logo trouxeram a bomba atômica e a nuclear. [...] Aí, na virada para o século XXI, surgiu a ameaça climática. (LACERDA, 2018, p. 179)

A partir dessa relação que, a princípio, é discursiva, a teórica alinha alguns mecanismos de defesa que o sujeito ativa ao saber que está para morrer (KÜBLER-ROSS, 2017). Nisso, o tom ensaístico e sua relação com o macro podem ser lidos como um desses mecanismos de lidar com o próprio fim. Algo que pode parecer estranho, mas, dentro do campo teórico, se torna possível de apresentar tanto o desespero quanto a tranquilidade. Contudo, para chegar nessa última característica é necessário que a morte seja normalizada como um assunto cotidiano para, assim, haver um preparo.

[...] Creio que deveríamos criar o hábito de pensar na morte e no morrer, de vez em quando, antes que tenhamos que nos defrontar com eles na vida. Se não fizermos assim, o diagnóstico de câncer, no seio da família, irá nos lembrar brutalmente de nosso próprio fim. Portanto, pode ser uma benção aproveitar o tempo da doença para refletir sobre a morte e o morrer em relação a nós mesmos, independentemente de o paciente encontrar a morte ou ter a vida prolongada. (KÜBLER-ROSS, 2017, p. 33)

O conto, por sua vez, apresenta o trato sensível. Dos discursos sobre o micro até a entrada do nome do tumor maligno que acomete do narrador, é possível perceber uma análise muito contundente e tranquila sobre a morte que é abordada. E isso é algo que estaria dentro de uma das etapas do mecanismo de defesa do sujeito: a aceitação.

A aceitação, um dos últimos estágios escalonados por Kübler-Ross (2017), caracteriza pacientes que decidem que a morte está próxima, e que, a partir daquele momento, decidem vivenciar a situação com outros olhos. Assim, não há desespero, mas uma “passividade” (KÜBLER-ROSS, 2017, p. 124) sobre o que está acontecendo.

Mas a aceitação no conto está contida nas informações sobre os seres invisíveis e vivos, e, também, sobre a inserção do narrador nesse ecossistema. O teor ensaístico traz em seu ínterim uma expurgação sobre as inquietações que fazem parte desse sujeito que está morrendo. E a escrita faz parte desse processo de aceitação.

Por que fico irritado quando estou com falta de serotonina? Por que a dopamina regula meu prazer? Por que meu amor não depende apenas dos encantos da mulher amada, mas também, e até mais, das taxas de oxitocina? Os neurotransmissores, a quantidade e a maneira como preenchem intervalos microscópicos entre os neurônios, ditam meu comportamento, meu estado de

espírito e os sentimentos que tenho em relação ao outro. (LACERDA, 2018, p. 177)

Logo depois dessa aceitação, percebe-se que há um teor de esperança, o qual está atrelado muitas vezes aos discursos de aceitação de um paciente terminal (KÜBLER-ROSS, 2017). A esperança percorre o sujeito que está diante da morte, pois acredita-se que pode surgir uma cura a qualquer momento, ou que tudo é passageiro.

O que sustenta através dos dias, das semanas ou dos meses de sofrimento é este tipo de esperança. É a sensação de que tudo deve ter algum sentido, que pode compensar, caso suportem por mais algum tempo. É a esperança – que de vez em quando se insinua – de que tudo isto não passe de um pesadelo irreal [...] [a esperança] para uns é uma racionalização de seus sentimentos; para outros continua sendo uma forma de negação temporária, mas necessária. (KÜBLER-ROSS, 2017, p. 144)

E a esperança está presente nas partes finais do conto. O narrador pensa em como toda a sociedade está à mercê de uma morte por hecatombes naturais e químicas, e que isso daria um status de salvação para essas pessoas. Afinal, com todos morrendo, o câncer não existiria e não afetaria o sujeito, mesmo que, para o narrador, seja necessária uma doença mortal para que a humanidade compreenda essa relação entre a vida e a morte. É uma esperança com tons ambíguos, para atestar que existe um lado animal na humanidade.

O dia em que algum cientista descobrir a cura do câncer, vamos tratá-lo como herói e papará-lo com os milhões do prêmio Nobel, quando na verdade ele e sua descoberta estarão assinando o atestado de óbito do planeta e da espécie. Afinal, além de humanismo abstrato, existe, na maneira como vivemos a ameaça, do câncer ou de qualquer outra doença mortal, uma boa dose do mais puro e egoísta instinto de sobrevivência. (LACERDA, 2018, p. 182)

A esperança, atrelada ao modo como a aceitação ocorre, leva a um teor pessimista do modo de olhar a sociedade. Assim, a sociedade já estaria marcada pela ruína e por mortes iminentes. Contudo, esse pessimismo se mistura também há uma preocupação com quem fica vivendo dentro dessa humanidade destrutiva e que caminha cada vez mais para a destruição do todo.

[...] Morrer mais, tocar a marcha fúnebre em escala planetária, é isso que precisávamos fazer. Mas como? Nada nesse sentido nos parece eticamente aceitável. Ou você seria capaz de agradecer às guerras pelas mortandades? De comemorar a irrupção de epidemias e pandemias? De incentivar a explosão de guerras atômicas? De se regozijar com grandes atentados terroristas, agora promovidos não por questúnculas territoriais e religiosas, mas em nome da sobrevivência da espécie? Você seria o garoto propaganda

de uma campanha de esterilização em massa? E que tal pregar o fim das pesquisas na medicina? Seria admissível aos seus olhos, por exemplo, limitar a menores de sessenta anos o acesso a qualquer tratamento, deixando a natureza trabalhar na população idosa? Ou ser ainda mais radical, obrigando as pessoas a se restringirem ao tempo de vida delimitado por seu próprio corpo, sem interferências externas, independentemente da idade? (LACERDA, 2018, p. 181-182)

Ao falar de si, o narrador acaba puxando a linha para falar do planeta e como a relação da morte é marcada por jogos de poder e discurso, que morrer faz parte do ciclo da vida. Outra característica desse estágio é a particularidade que o paciente adquire de querer falar de si, e nesse falatório ele acaba colocando uma preocupação, e que pode levar a uma nova onda de esperança – algo que estaria no campo do macro, um desejo que houvesse uma mudança mais global (KÜBLER-ROSS, 2017).

[...] Caso o paciente saiba que encontraremos um tempinho disponível quando *ele* sentir vontade de falar e quando formos capazes de decifrar o que diz nas entrelinhas, constataremos que a maioria deles realmente quer dividir suas preocupações com outro ser humano, reagindo, nestes diálogos, com alívio e uma esperança maior. (KÜBLER-ROSS, 2017, p. 147, grifo da autora)

E esse traço é demonstrado no último parágrafo do conto:

Querendo ou não, em conjunto somos feito o idiota que, no meio da tempestade, com o naufrágio iminente, encontrou o rombo no casco do navio e se diverte com o esguicho de água, sem avisar ninguém, na mais risonha inconsequência. (LACERDA, 2018, p. 183)

Logo, percebe-se que a morte e os caminhos ao longo da vida do sujeito são bem específicos para cada pessoa que está vivendo. Tem suas etapas e seus pontos de vista, e que nessa grande discussão se fez por abarcar essas questões.

Considerações Finais

No decorrer do artigo, a morte se fez presente tanto no conto do qual o tema foi abordado até as teorias. Falar sobre essa temática é inevitável dentro da sociedade e do panorama contemporâneo – escrevemos este artigo no meio de uma pandemia de COVID-19 e uma ente querida fez um ano de falecida, a causa da morte foi metástase.

O conto tem essas nuances e tons, mas aqui a morte foi discutida através de questões e teorias que têm a funcionalidade de compreender e dar embasamento para minha

interpretação: de que esse homem, mesmo com seu discurso fugidio sobre o fato de que morrerá, ainda está falando de si mesmo e traz consigo uma crítica à sociedade – que está a beira de um colapso. “Metástase” é um conto-ensaio para além de informações soltas sobre microrganismo, mas um tratado sobre um homem que está diante da finitude de si. E naquela verborragia em primeira pessoa – tanto do singular quanto do plural – há potência de vida.

Deste modo, utilizamos alguns teóricos, como aqueles que retratam a relação entre homem e animal que perpassa todo o texto, como o sujeito ainda tem esse lado animalesco muito forte, inclusive com atitudes mortuárias, aqui sob os holofotes de Edgar Morin (1970). Posteriormente utilizamos do filósofo vanguardista francês, Bataille (2017), para retratar como a morte funciona como um interdito para o homem, e que acaba levando-o a ponderar sobre matar o outro – para além do corpo morto que desrecalca o fato de que se vai morrer. Seguindo o caminho, temos o historiador francês Ariès (2017) com seu estudo sobre ritos funerários no decorrer dos tempos, assim como os seus estudos desses ritos na modernidade – com seu sujeito fechado em si, o autor do conto finaliza modificando e ressignificando esse sujeito modernista, pois o sujeito da contemporaneidade é outro. E por último, mas não menos importante, temos um nome muito significativo para os estudos de paciente terminais: Elisabeth Kübler-Ross (2017), ao falar das etapas até se chegar numa aceitação sobre a doença – ela humaniza os entrevistados e retira deles a máscara de assombro, temor e consternação.

Em suma, todas essas nuances se fazem presentes no conto de Rodrigo Lacerda: do que é pequeno, do que se espelha e mata, tirando muitas lições sobre o fim. Afinal, tudo é passageiro – inclusive o corpo.

REFERÊNCIAS

- AGAMBEN, Giorgio. O que é o contemporâneo?. In: _____. *O que é o contemporâneo? e outros ensaios*. Tradução de Vinicius Nicastro Honesko. Santa Catarina: Argos, 2009. p. 25-54.
- ARIÈS, Philippe. *História da morte no Ocidente: da Idade Média aos nossos dias*. Tradução de Priscila Viana de Siqueira. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2017.
- BATAILLE, Georges. *O erotismo*. Tradução Fernando Scheibe. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.
- GARRAMUÑO, Florencia. *Frutos Estranhos: sobre a inespecificidade da estética contemporânea*. Rio de Janeiro: Rocco, 2014.

GOTLIB, Nádía Battella. *Teoria do conto*. São Paulo: Ática, 2006.

KLÜBER-ROSS, Elisabeth. *Sobre a morte e o morrer*: o que os doentes terminais têm para ensinar a médicos, enfermeiras, religiosos e aos seus próprios parentes. Tradução Paulo Menezes. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2017.

LACERDA, Rodrigo. Metástase. In: _____. *Reserva Natural*. São Paulo: Companhia das Letras, 2018. p. 169-183.

MORIN, Edgar. *O homem e a morte*. Lisboa: Europa-América, 1970.

VELOSO, Caetano. *Circuladô*. [CD]. Rio de Janeiro; Nova York: Phonogram/Philips, 1991.

**Artigo recebido em julho de 2020.
Artigo aceito em setembro de 2020.**